



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CAMPUS DE SOUSA
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

GERVÁSIO BERNARDO ABRANTES

O MODO DE VIDA DA COMUNIDADE CIGANA EM SOUSA-PB

SOUSA-PB
Maio de 2016

GERVÁSIO BERNARDO ABRANTES

O MODO DE VIDA DA COMUNIDADE CIGANA EM SOUSA-PB

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Campina Grande *Campus* de Sousa Paraíba, como requisito para obtenção do título de Assistente Social.

Orientador: MSc. Luan Gomes dos Santos de Oliveira

SOUSA-PB
Maio de 2016

Gervásio Bernardo Abrantes

O modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB

Monografia aprovada em 28/04/2016 para obtenção do título de
Assistente Social.

Banca Examinadora:

Orientador MSc. Luan Gomes dos Santos de Oliveira
UFGC *Campus* de Sousa

Consuelo Barreto Martins de Melo CRES-PB 1017
UFGC *Campus* de Sousa

Professora Palloma Maria Gomes Jacome
UFGC *Campus* de Sousa

Com muito carinho, dedico este trabalho a meu amado pai Galdino Bernardo da Silva (In memoriam), pelas diversas lições de vida que me repassou.

Aos filhos: Galdino Bernardo da Silva, Geysse Bernardo da Silva, Gervásio Bernardo da Silva, Ana Elizabeth Nóbrega Braga Bernardo e Guilherme Nóbrega Braga Bernardo.

Á minha esposa Isabella Nóbrega Braga Bernardo, pelo amor e companheirismo empreendido.

Á todos os professores por quais passei desde o processo de alfabetização.

Á Francineide Gomes de Sousa, pelo incentivo de sempre.

Aos colegas de turma pela saborosa convivência e eterna amizade firmada.

À Carla Lucena.

De forma muito especial a minha parceira de estudos e pesquisas Camila Tavares de Almeida.

Ao professor Francisco Das Chagas Marque de Oliveira (Tinto).

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao ser supremo, que reger e iluminar-me para as realizações possíveis.

Ao meu Orientador MSc. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.

A comunidade cigana da cidade de Sousa.

À mesa examinadora.

À Doutoranda Semirames Silva.

EPÍGRAFE

Nenhum trabalho de pesquisa bibliográfica ou de campo, poderá retratar com fidelidade o modo de vida Cigana.

(Gervásio Bernardo)

BERNARDO, G. A. **O modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB.** 2016. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social) – Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, 2016.

RESUMO

Os ciganos de Sousa são possuidores de tradições e valores próprios, e buscam preservá-los. Num movimento de reelaboração de sua cultura, mantém sua identidade. A cultura exerce um papel fundamental nas relações entre seres humanos, diferenciando um grupo do outro, e o cuidado, por fazer parte do ser humano, é também uma forma de cultura. O traço da cultura é o que recobre os seres humanos de interesse e desejos, e isso é o que separa a sociedade humana dos animais. Com base no exposto, teve-se como objetivo descrever o modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB. Como objetivos específicos identificar como vive a comunidade cigana em Sousa-PB. A pesquisa foi fruto do trabalho de campo realizado na cidade de Sousa, Estado da Paraíba nos anos de 2014 e 2015. Utilizou-se como técnica principal a entrevista, por meio da qual buscamos informações correspondentes às representações locais sobre a população cigana. Tratou-se de entrevistas abertas com um roteiro previamente elaborado, realizadas com a autorização dos entrevistados. É notória a mudança na cultura cigana em Sousa, desde a linguagem antigamente usada com maior frequência por todos os ciganos, hoje ainda pelos mais velhos, principalmente, a religião cada vez mais aberta a novas igrejas, a abertura de casamentos entre ciganos e não ciganos, o chefe que para muitos hoje não existe.

Palavras-chave: ciganos, cultura, jurens, nômade.

BERNARDO, G. A. **The way of life of the Roma community in Sousa-PB.** 2016. 53 f. Monograph (Work Completion Course of Social Service) - Federal University of Campina Grande, Sousa, 2016.

ABSTRACT

The Sousa Roma are owners of traditions and values, and seek to preserve them. In a motion reworking of their culture, maintains its identity. Culture plays a key role in relations between human beings, differentiating another group, and care, to be part of the human being, is also a form of culture. The cultural trait is the overlying humans of interest and desires, and this is what separates human society of animals. Based on the above, it had as objective to describe the way of life of the Roma community in Sousa-PB. The specific objectives identified as the Roma live in Sousa-PB. The research was the result of fieldwork conducted in the city of Sousa, Paraíba State in the years 2014 and 2015 was used as the main technique the interview, through which we seek relevant information to local representations of the Roma population. It was open interviews with a pre-prepared script, with the authorization of respondents. It is noticeable the change in Gypsy culture in Sousa, from the language formerly used most frequently by all Roma today still for elders, especially the increasingly religion open to new churches, the opening of marriages between Roma and non-Roma, the boss who for many today does not exist.

Keywords: roma, culture, jurgens, nomadic.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Visita ao Rancho de Eládio (na foto a esposa do Eládio ao lado de Gervásio Bernardo alunas do curso de serviço Social) **12**
- Figura 2** – Entrevista com as ciganas no Centro Calon de Desenvolvimento Integral - CCDI em setembro de 2014.....**15**
- Figura 3** – Chefe Pedro Maia ao lado de Gervásio Bernardo, durante entrevista em março de 2015.....**45**

SUMÁRIO

	Página
1. Introdução.....	11
2. Metodologia.....	14
3. Capítulo I – A Cultura Cigana.....	16
4. Capítulo II – A Comunidade Cigana em Sousa-PB.....	34
5. Considerações Finais.....	48
6. Referências.....	51

1 Introdução

No presente trabalho é abordado o modo de vida das comunidades ciganas em Sousa-PB. As informações constantes neste trabalho são oriundas de pesquisa de campo, realizadas através de questionário nos anos de 2014 e 2015. Busca-se neste trabalho, entender e explicar as transformações culturais e sociais vivenciadas pela comunidade cigana em Sousa-PB. Por meio do estudo das representações coletivas, busca-se não uma verdade, mas uma interpretação de uma realidade.

Chamando a atenção para o nosso papel como cidadão, tentaremos também, traçar um perfil da população cigana residente no município, que se encontra organizada em três comunidades ou ranchos, sendo cada uma destas representadas por seu respectivo chefe que, além de ser figura investida de autoridade e respeito pelos demais ciganos, é o representante máximo da comunidade em relação aos assuntos internos e externos.

A ideia de abordar este tema nasceu da minha aproximação com as comunidades ciganas, quando ainda pré-adolescente, em 1985 (após dois anos de fixação dos ciganos em Sousa) trabalhei em uma panificadora, onde tinha como tarefa entregar os pães aos revendedores e entre estes, os dos ranchos ciganos que tinham um revendedor em cada comunidade. Desta forma, fazia parte da minha labuta entrar nas comunidades ciganas de duas a até três vezes ao dia de segunda a sábado. Tornamo-nos próximos ao ponto de conhecê-los e de ser conhecido por eles. Mais tarde, por consequência da minha militância política e o fato de ocupar os cargos na administração municipal como Secretário da Assistência Social (2005 a 2006) e Secretário de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR (2006 a 2008) voltamos a ter um convívio próximo ao ponto de estarmos em contato todos os dias e assim conhecer a fundo alguns problemas vividos pelo povo cigano, que em muito se diferencia dos problemas vividos pelos demais cidadãos, ainda que sejam tão pobres quanto os ciganos.

Os ciganos eram conhecidos de modo geral pela sua cultura nômade, em caráter Calons, pelo comércio de animais que realizavam em outrora. É fato que, atualmente essa cultura, quase inexistente, salvo em alguns casos isolados.

Com o tempo, convencionou-se em Sousa-PB referir-se a cada aglomerado como: Rancho de Cima, no qual habita o grupo do Chefe Pedro Maia hoje conduzido por seu filho e chefe Coronel e algumas outras famílias independentes ou ligadas a algum dos grupos do outro rancho; e o Rancho de Baixo, composto pelos grupos de Eládio, Vicente e Ronaldo Carlos. O espaço que engloba os dois ranchos, bem como a zona de mediação entre os ranchos, que definem como a “Várzea”, setor de moradia mista entre ciganos e não ciganos formam o grande território cigano de Sousa-PB (MOONEN, 2011).



Figura 1. Visita ao Rancho de Eládio (na foto a esposa do Eládio ao lado de Gervásio Bernardo e alunas do Curso de Serviço Social da UFCG).

Os ciganos de Sousa-PB viveram na pele o lado mais duro do preconceito ainda no período nômade, e embora reconheçam a sua diminuição gradativa a partir do momento em que “pararam para morar” na cidade de Sousa-PB, a desconfiança dificilmente se esfacelaria em menos de 30 anos de residência fixa, ainda permanecendo como pressuposto dessa relação. Hoje, os mais velhos quase não confiam na possibilidade de haver algum não cigano bem intencionado para com eles.

Entender a questão cigana deve passar longe da adoção de uma ideia de ciganidade comum a todos os grupos. Condições diferenciadas de ordem habitacional, territorial, econômica, ecológica, de letramento e outras mais, produzem realidades personalizadas, por consequência de relações conjunturais diferenciadas. Por isso, buscou-se identificar como algumas relações de interesse estabelecidas com agentes não ciganos podem influenciar na ressemantização de instituições elementares das comunidades estudadas.

Na nossa perspectiva, para compreendermos a atual condição cigana das comunidades estudadas, precisou-se levar em conta a forma como o próprio se conectam aos aspectos da cultura milenar que sobreviveram ao tempo, como a leitura da sorte, a instituição da chefia, a liderança, a musicalidade, a dança, entre outros, e as relações mantidas com os agentes não ciganos de influência direta sobre a organização de poder das comunidades ciganas em Sousa-PB.

Teve-se como objetivo descrever o modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB. Como objetivos específicos identificar como vive a comunidade cigana em Sousa-PB; avaliar como a população não cigana influencia nos hábitos culturais e sociais da comunidade cigana e entender a realidade cultural da comunidade cigana no contexto social de Sousa-PB.

2 Metodologia

A pesquisa foi fruto do trabalho de campo realizado na cidade de Sousa, Estado da Paraíba nos anos de 2014 e 2015. Sousa está localizada no Alto Sertão Paraibano, cuja população estimada em 2015 é contabilizada em 68.822 habitantes (IBGE, 2015). Entre os ranchos de Cima e de Baixo existe um setor de moradia mista, a Várzea das Almas, onde coabitam ciganos e não ciganos. As comunidades dos ranchos, juntamente com outras comunidades vizinhas não ciganas, estão localizadas no bairro Jardim Sorrilândia, extremidade de Sousa, do outro lado da BR 230.

Neste trabalho utilizou-se como técnica principal a entrevista, por meio da qual buscamos informações correspondentes às representações locais sobre a população cigana. Tratou-se de entrevistas abertas com um roteiro previamente elaborado, realizadas com a autorização dos entrevistados. As entrevistas “abertas” supõem uma conversação continuada entre os sujeitos da pesquisa, o que implica num tipo de diálogo entre pesquisador e pesquisados (GIL, 1991).

O trabalho de campo é comumente conhecido como um método que permite uma aproximação mais intensa entre pesquisador e pesquisados, com uma observação direta e situações de pesquisa que permitam uma posterior reflexão teórica sobre os dados coletados. Durante o trabalho de campo o pesquisador pode utilizar diferentes fontes ou recursos, o que lhe dará acesso aos “pontos de vistas” ou comportamentos analisados (GIUMBELLI, 2002).

O público da pesquisa foi predominantemente homens, 80%, por se tratar também de uma questão cultural, pois as mulheres nem sempre se manifestam em meio aos homens, tornando-se submissas e omissas algumas vezes. Devido à respeitosa relação com os ciganos, 20% dos entrevistados foram do sexo feminino. Durante todo o período de trabalho de campo interagiu-se com os ciganos, documentos, narrativas, entre outras fontes. Em se tratando de ser a cultura cigana, o recurso da história oral foi imprescindível na compreensão simbólica do passado na lógica funcional do cigano hoje.



Figura 2. Entrevista com as ciganas no Centro Calon de Desenvolvimento Integral - CCDI em setembro de 2014.

Um dos objetivos na pesquisa consistiu em atualizar alguns dados quantitativos obtidos em 2014. Para isso, foi necessário realizar um novo censo, no qual os dados sobre densidade demográfica, divisão por sexo, economia, educação, cultura e outros, foram somados às questões adicionais de pertinência mais contemporânea, como o número de não ciganos casados com ciganos, predileção política partidária e suas razões, questões sobre religiosidade e novos ícones ou formas de culto.

3 Capítulo I – A Cultura Cigana

Características culturais como o nomadismo são utilizadas para reforçar a ideia de que os ciganos seriam nômades, sendo o nomadismo um castigo atribuído a uma traição dos ciganos ao menino Jesus, condenados assim a vagar pelo mundo. Goldfarb (2004) apresenta em sua tese esse nomadismo como uma forte forma de identificação entre os ciganos, especialmente desenvolvido a partir de suas memórias do passado.

Os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, frutos de representações que os ligam ao nomadismo (GOLDFARB, 2004). Para analisar o estabelecimento da identidade cigana tomando como base o pensamento do antropólogo Barth (1998), ele buscou situar as formas de diferenciação social existentes em Sousa, visto que, conforme Barth, não é o isolamento geográfico ou social que representa o fator definidor da diversidade cultural. A identidade, que pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, representa um recurso indispensável para a criação de um nós coletivo, fundamental ao sistema de representações através do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sociopolítica.

Há um exercício de memória que se relaciona com a necessidade de distinção frente à sociedade envolvente, onde as concepções de tempo (passado/presente) e espaço (viagens/moradia) são fundantes, num exercício de auto definição de sua identidade coletiva. A memória é construída de acordo com os grupos sociais de referência, sendo, portanto, um trabalho dos sujeitos em sociedade (HALBWACHS, 1990). A memória diz respeito à construção de quadros de significação temporal e espacial, onde as lembranças resistem às transformações e se articulam a novas referências, sem deixar de existir. Entender o que é mantido através do exercício da memória coletiva nos permite compreender que é nesta senda que se descortinam formas de apresentação do tempo.

Para Bosi (1994), a memória se constitui por uma espécie de substrato Juido: o tempo, que são qualificadas através de lembranças, pensadas como evocação sistemática do recordar e situar o passado numa escala significativa de acontecimentos vividos ou imaginados. A concepção de temporalidade é vista pelos informantes como algo singular, como projeção das experiências vividas no passado e no presente. Assim, a organização do tempo nos mostra o quanto a memória é importante para estes grupos, sendo o que permite um retorno ao “tempo de atrás”, tido como uma espécie de tempo mítico.

Ao falar do passado, há entre os ciganos uma preocupação em demarcar a origem e construir a história do grupo através do significado simbólico das viagens, onde os traços significativos deste passado servem para representar sua identidade cultural num espaço de morada fixa e, por fim, o posicionamento de cada sujeito frente à sociedade envolvente e ao seu grupo de pertencimento.

Com base em Bachelard (1994) e Eckert (1993), é possível pensar que a memória é uma espécie de força capaz de reinventar o cotidiano, de fornecer aos sujeitos sociais um modo de interpretar o passado e significar o presente. A memória, portanto, relaciona-se com a capacidade reflexiva frente aos significados socialmente transmitidos. Assim, o passado nômade é narrado pelos ciganos como uma espécie de essência que não se perde, que se mantém, que representa o alargamento das fronteiras do presente e de um tempo ido.

Como aponta Weber (1982, p. 222), os ciganos vivem o presente explorando o passado, o que permite um senso de dignidade, nutridos pela crença numa missão providencial e por uma crença numa honra específica perante Deus. Esta seria uma dignidade do povo escolhido, alimentada pela crença de que os últimos serão os primeiros.

Através do conhecimento da literatura bíblica, as narrativas buscam associá-la a experiências vividas pelos grupos. Por meio destes conhecimentos, os narradores encontram elementos que servem como referência por analogia. O passado, portanto, abarca diversos tempos, tais como o tempo em que Jesus andou pela terra e o tempo das perseguições (longínquo), o tempo das andanças dos ciganos de Sousa e o tempo da parada, esse momento atual, que se misturam para constituir uma história.

Como nos aponta Bourdieu (1998, p.183), falar de história é pressupor que a vida é uma história, inseparável dos acontecimentos de uma existência, concebida por meio de relatos dessa história.

A alusão a um tempo mítico, portanto, detém um valor positivo na forma de se conceberem como um grupo de pertencimento, pois o passado nômade contém qualidades simbólicas que amalgamam a ideia de cultura como um sistema simbólico (ECKERT, 1993, p. 12). O passado nômade é requerido como elemento identitário, construído através da memória e das narrativas que exploram episódios bíblicos, recurso importantíssimo para a construção da coletividade cigana e do sistema de representações sociais que permite uma visibilidade social, bem como o estabelecimento de suas especificidades culturais frente à sociedade não cigana.

Falar do passado é falar de um percurso trilhado, é falar de uma história vivida ou de uma história que se quer contar. E uma vida é como afirma Bourdieu (1980), inseparável do conjunto dos acontecimentos de uma existência individual ou coletiva.

Passados mais de 30 anos da chegada dos ciganos a cidade de Sousa-PB, as comunidades ciganas têm apresentado significativas transformações culturais. Por meio das relações estabelecidas com o estado, pautadas na abertura de canais de mediação para apoio ao desenvolvimento cultural e social dos ciganos, e as articulações de empoderamento cigano dentro da cena política de Sousa-PB, vêm influenciando consideravelmente nas suas dinâmicas culturais. Entre 2004 e 2010 muitas mudanças ocorreram, dentre elas intervenções políticas, ações sociais pró-ciganas, oferta de concursos para fomento da cultura cigana, o aumento do interesse de público simpático e dos discursos pró-ciganos, a criação de uma associação comunitária Calon, bem como a construção da sede do Centro Calon de Desenvolvimento Integral - CCDI, encabeçada pelo governo federal, que deixou de funcionar a muito tempo, sendo hoje apenas um prédio construído.

O Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI é uma pessoa jurídica de direito privado e sem fins lucrativos, elaborado por iniciativa conjunta entre articuladores não ciganos locais e autoridades Calon. A construção de sua sede em 2008, proveniente de uma coalizão de forças políticas das três esferas de governo, simboliza a sua elevação a condição de centro de

referência cigana, um centro modelo para proteção e promoção da cultura cigana. (SIQUEIRA, 2012, p.91). O CCDI foi inaugurado em 06 de agosto de 2009, no entanto, desde o anúncio de sua construção um novo clima pairou na comunidade cigana de Sousa, uma vez que a ideia de instalar um centro de manutenção cultural os fez perceber também o novo cenário político brasileiro, onde atualmente existem ações de reconhecimento e valorização cultural.

As expectativas criadas entorno do Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI, elaborado por iniciativa conjunta entre articuladores não ciganos locais e autoridades Calon, foram de geração e execução de políticas públicas voltadas à conservação da cultura e à transformação da realidade social Calon. Entre outras ações, elementos da cultura milenar seriam valorizados, como a leitura da sorte e o resgate do idioma Calon, talentos artísticos estimulados a dança, a música, a poesia, atividades comerciais incentivadas pelas trocas, vendas, produção e escoamento de artesanato de natureza têxtil, bijuterias, comercialização da quiromancia, membros da comunidade seriam qualificados para o mercado de trabalho cursos e treinamentos profissionais, instalação de telecentro para inclusão digital, entre outras ações, deixou apenas a frustração de um sonho vendido, o descrédito da palavra alheia e prejuízos financeiros para os gestores ciganos. Como se tudo isso não fosse bastante, o centro ainda gerou conflitos entre alguns membros das comunidades e a equipe gestora, uma vez que, por desconhecimento do processo, muitos ciganos pensam estar nessa equipe a razão da ineficiência do Centro.

Primeiro, busca-se compreender a realidade cultural das comunidades ciganas, o suficiente para nos permitir entender as ligações que apontam para a coesão entre os bastidores do cotidiano das comunidades e os nossos elementos centrais de análise e a partir disso entender a realidade delas no contexto social de Sousa-PB.

Em Sousa, os arranchamentos eram comuns, e os grupos que hoje formam a comunidade cigana de Sousa arranchavam-se com frequência no seu entorno como ponto de referência da rota nômade, onde costumavam confraternizar-se nas datas ou eventos festivos.

O tema cultura cigana torna inevitável à relação entre o passado nômade e o presente no qual “pararam para morar”. Na ótica cigana essa

mudança de condição territorial é a mais representativa mudança cultural dessas comunidades, é sempre direta ou indiretamente mencionada como o dispositivo de todas as demais mudanças percebidas no grupo, no que os mais velhos passam a se preocupar, sobremaneira, com a adoção de modos não ciganos, rapidamente assimilados pelos jovens da comunidade.

Outro elemento chave na união do povo cigano de Sousa é a língua. Os ciganos a reconhecem como Calon, mas diante do *Jurén* costumam referir-se a ela como “a linguagem do cigano” ou “a língua cigana”, que alguns acreditam ter sido criada por antepassados para a “defesa do cigano”. Sua utilização é comum nas negociações e nas articulações para fins de ação/proteção contra ofensivas providas de não ciganos. A língua é vista como um elemento de amarração da união do grupo e peça indispensável da sua identidade cultural. Assim, não basta ser cigano de sangue e falar a língua, a identidade pede, principalmente, que haja convívio, que a união seja consumada na vida social em grupo, cigano com cigano, onde se pode até nem ser um cigano de sangue, mas, principalmente, um cigano de vivência, que usa a língua como mecanismo de conservação grupal e, instantaneamente, também do modo de vida cigano.

A partir da sedentarização desse grupo Calon, o uso da língua enfraqueceu-se. Homens e mulheres liam mãos, tinham muitas rezas boas, coisas que os mais jovens de hoje não sabem. A partir disso, foi perguntado aos ciganos entrevistados como se transfere o conhecimento da linguagem cigana, 40% afirmaram que isso já vem de berço, é um dom que eles já nascem sabendo, 30% no entanto acreditam que seja através do convívio, 10% afirmaram que é dever dos mais velhos repassar isso aos mais jovens, 6,67% ainda responderam que é dever da mãe ensinar, mas ainda tem aqueles que não sabem como a linguagem cigana é transferida, totalizando 13,33%. A língua é um determinante fator da nacionalidade de um grupo e a manutenção e/ou permanência dos ciganos na priorização da sua língua de origem os torna inassimiláveis no país, à medida que não se deixam penetrar pelos costumes locais fragilizando a construção de uma concepção de Estado Nacional.

Quanto às vestimentas femininas, o gosto de uma mulher bem vestida, com roupa bonita, com vestido longo, hoje está mais aberto, as mais jovens vestem roupas curtas, não querem seguir o jeito dos antigos. Quanto ao

matrimônio, eram predominantemente endogâmico, hoje cônjuges não ciganos. Não casavam a partir dos namoros, eram os pais que faziam o compromisso. Sobre isso, foi perguntado sobre o estado civil dos ciganos, e 36,67% responderam que são casados, 40% dos entrevistados são solteiros, 13,33% afirmaram ter união estável, 6,67% são viúvos e 3,33% são separados. Sobre o número de filhos, 66,67% afirmaram ter entre um e cinco filhos, 13,33% tiveram entre seis e dez filhos, 10% de onze a quinze filhos e 10% afirmaram ainda não ter filhos.

Parte da tradição é vista por gerações mais novas como práticas dos antigos, enquanto ciganos mais velhos veem essas mudanças como resultantes, primeiramente, da vida em moradia fixa, causa do aumento de matrimônios entre ciganos e não ciganos e, por isso, da mistura de valores culturais. Indagados sobre o que eles pensam sobre a vida nômade, eles respondem que são mais felizes, vivem com mais liberdade e com mais facilidades, mas há aqueles que preferiam a vida sedentária, ao afirmarem que a vida nômade é pior que a vida sedentária.

De acordo com Siqueira (2012) predomina entre os Calon uma fé católica ao modo cigano, um catolicismo muito mais pragmático no cotidiano das comunidades do que praticado nas formas convencionais. A pesquisa comprova isso, sendo 76,67% dos entrevistados católicos, 13,33% declarados como evangélicos e 10% não tem uma religião definida, afirmando apenas que acreditam em Deus.

Mesmo fervorosos quanto aos santos católicos universais, são devotos práticos dos ícones regionais: Padre Cícero Romão Batista e Frei Damião de Bozano, mas também São Francisco das Chagas, Jesus Cristo no topo da hierarquia e abaixo de Deus, e outros, cuja força na religiosidade do grupo pode ser percebida, por exemplo, nos nomes próprios de vários ciganos, homens ou mulheres. Outras características do catolicismo cigano estão nas contas usadas, nas orações frequentes, nas velas acesas em devoção aos santos e para fins de promessas, nas longas saias marrons que remetem ao segmento franciscano e são bastante utilizadas por ciganas da terceira idade.

Iniciou em 2011 um trabalho em parceria com o Ponto de Cultura Estação Cultura, somando esforços para a projeção da dança desenvolvida pelo grupo Calon no circuito cultural de Sousa e fora dela. Quanto ao grupo de

dança, os encantos da dança flamenca exerciam forte influência sobre sua ideia de dança cigana, cujo estilo caracterizou a apresentação do grupo num desfile realizado como parte da comemoração ao sete de setembro em 2009. Os indícios de ter havido uma adesão e valorização do culto a Santa Sara Kali como traço que confere legitimidade à identidade cigana dos Calon de Sousa, a ênfase a esse culto na dança, além da constatação da adesão de famílias ciganas a segmentos protestantes e o rompimento destas com o catolicismo.

A cultura, passando por períodos de estabilidade, seguindo-se a isso mudanças rápidas, sempre esteve e permaneceu em fluxo. A cultura cigana é mencionada por Costa (2016) como uma cultura esponja, que está sempre absorvendo parte dos modos culturais dos povos das regiões nas quais atuam. Naturalmente, o período nômade facilitava a preservação ou a lenta transformação de traços culturais, como, por exemplo, o idioma muito mais útil, justificável e ativo durante o nomadismo do que nos dias de hoje. No nomadismo, a relação entre ciganos e não ciganos era quase que totalmente baseada nas práticas de subsistência, em cujas dinâmicas a língua fazia toda a diferença. Já sedentários, acentua-se o uso do português como consequência da intensidade crescente do convívio com não ciganos e pela expansão de formas de sociabilidade entre ambos a partir das gerações mais jovens.

O nomadismo exigia a consistência do regime de chefia e liderança no modo tradicional. Indagados sobre o conhecimento hoje de ciganos ou grupos nômades 56,67% dos ciganos entrevistados responderam não conhecer cigano ou grupo de cigano nômade, no entanto, 43,33% ainda afirmaram conhecer algum grupo de cigano nômade.

Num contexto em que estavam em jogo a sobrevivência e as defesas dos ciganos, a palavra do mais velho sempre foi importante, bem como a necessidade de um chefe capaz de manter a comunidade unida e segura. Hoje, dizem lutar para evitar a entrada das drogas em seu meio, para garantir o acesso dos ciganos aos direitos sociais e pelo direito de exercerem a sua cultura sem serem retaliados por isso. A mudança nas demandas levou à necessidade de reorganização hierárquica, a nosso ver, como medida necessária à potencialização dessas comunidades.

A chefia é uma das principais instituições da cultura cigana. O chefe é como o grande pai de todo o grupo, da grande família. É o mantenedor da

ordem e do equilíbrio interno, do senso de grupo, guia dos rumos tomados pela comunidade e detentor da palavra final sobre situações que envolvam a ordem interna. Sobre isso, foi perguntado aos ciganos dos três ranchos de Sousa se hoje eles sabem como se dá a escolha do chefe e 83,33% afirmaram que sabem, mas 16,67% responderam que não.

O chefe é escolhido pelos mais velhos, mas pode ser escolhido por outro chefe, como nas chefias passadas de pai para filho, porém este último tendo que demonstrar competência para sê-lo. Comumente o chefe em exercício reúne os demais chefes de família para informá-los de sua pretensão de transferir o seu posto a um determinado membro do grupo, deixando claras as razões da escolha. A escolha se justifica pela capacidade de um chefe de família demonstrar vocação e competência em garantir as demandas necessárias a essa função. Ser um bom líder é estar num caminho vertical para uma futura chefia. Ou seja, a tendência é que a condição de chefe se construa ao longo da vida. A reunião dos mais velhos, que ocorre aos moldes de um conselho, juntamente com o chefe, já pré-aprova a nova escolha antes do anúncio oficial, levando ao conhecimento e também aprovação de todos os chefes de família. É quase improvável haver discordância entre as partes.

Na comunidade cigana predominam regras de convivência e conduta comuns a todos, contudo, devido ao grande número de pessoas, naturalmente há peculiaridades de temperamento e comportamento que podem gerar transgressões dessas regras por parte de um ou outro indivíduo. O chefe busca auxiliar na resolução de problemas de ordem social, econômica e jurídica dos membros da comunidade. O chefe é o ponto de equilíbrio nas relações estabelecidas entre ciganos e não ciganos. É o símbolo e ponto de amarração da união do grupo, união essa que nasce do conceito de família: um cigano faz pelo outro o que um irmão faz pelo outro, um chefe faz pela comunidade o que um pai faz pela sua família. O seu papel do chefe vem se assemelhando bastante ao papel de um líder comunitário, mas que, como poucos, buscam estar à frente das necessidades de seu povo.

Os jovens ciganos já refletem o processo de simbiose identitária que nasce do convívio permanente entre as duas sociedades, e chegam a ambicionar carreira profissional e social na sociedade majoritária. Muitos são os ciganos que buscam sozinhos sua subsistência, e, alguns deles, não

chegando a usufruir da assistência paternal do chefe na intensidade de outrora, chegam a pensar que hoje essa instituição tende a se acabar. De fato, o chefe continua provando sua importância representando a comunidade em muitos momentos, alguns bem estratégicos, no qual negocia o bem comum com agentes externos, uma vez que, em sua visão holística acerca da realidade do seu povo, absorve bem o discurso comum.

Tradicionalmente, o líder não ultrapassa os desígnios do chefe. Em geral, um líder tradicional cigano segue os desígnios do chefe num regime de cooperação, afinal, em se tratando de ser todos parte de uma grande família, é natural que se interesse em assistir à sua comunidade, muitos deles seus familiares diretos, não sendo comum a prevalência de posturas de vaidade ou autoritarismos desprovidos de razão pelo status de líder (MOONEN, 2011b, p. 31-32). A relação entre chefe e líder se caracteriza, então, pelo pensar e agir juntos, mas sob a palavra inicial e final do chefe. Contudo, aos moldes da ressignificação do papel do chefe, a dimensão prática do estatuto de líder também, naturalmente, passa por modificações.

Em Sousa, há ciganos frequentando escolas, trabalhando como funcionários públicos e privados, disputando torneios desportivos locais com grande destaque, atuando em projetos artísticos culturais, tocando ou cantando em festas de personalidades sociais não ciganas por contrato ou amizade, envolvendo-se em campanhas políticas, estabelecendo matrimônios ou apenas enturmando-se com não ciganos. Em relação à escolaridade dos entrevistados, 36,67% tem o ensino fundamental incompleto, 26,67% o ensino fundamental completo, 13,33% ainda são analfabetos, 10% tem o ensino médio completo, 6,67% aprenderam a ler e a escrever em casa e hoje tem o técnico em enfermagem, 3,33% tem o ensino superior incompleto e 3,33% só assinam o nome. Apesar desses avanços não representarem ainda o tom dominante dessa relação, podem ser compreendidos como um progresso de convívio interétnico resultante de mais 30 anos de interação social entre as culturas, todavia ainda distante das perspectivas de convívio igualitário entre as partes. Vivências comuns aos grupos, emblemáticas de formas solidificadas de preconceito declarado, eram, entre outras questões, o impedimento aos arranchamentos provisórios e o motivo de agressões sofridas na rota do nomadismo. São muitas as faces do preconceito, e entre as piores estão

aquelas que impedem o acesso do cigano ao mercado de trabalho. Sobre isso, 73,33% já sofreram algum tipo de preconceito e 26,67% nunca sofreram nenhum tipo de preconceito por serem ciganos.

Marcados pelo estigma da criminalidade, os ciganos sempre sofreram preconceitos na sociedade por serem considerados, trapaceiros, ladrões, mentirosos, criminosos, vadios e sujos. Esta imagem foi reforçada por memorialistas e viajantes da época que descreviam os ciganos através de estereótipos, que desvalorizavam este grupo e reforçavam o processo de exclusão da sociedade, que acreditavam que o cigano era sempre “o suspeito”.

O fato é que o preconceito e a discriminação parecem vir lentamente diminuindo ante o enfraquecimento das barreiras que obstruíam o convívio social interétnico permanente, ao tempo em que emerge a garantia de acesso à educação formal, à geração tímida de oportunidades de trabalho, às ações não menos tímidas para inclusão digital e social, além da promoção de mecanismos para a conservação da cultura cigana e, conseqüentemente, a permissão para o exercício da diferença étnica (SIQUEIRA, 2012). Por isso, o bom tratamento, gentil, cordial e bastante receptivo com o qual recebem não ciganos em qualquer parte do rancho assumidamente não se trata de ingenuidade e confiança cega, mas de desarmar o preconceito com a educação, pelo tratamento exemplar sadio e respeitoso, regra de recepção e de tratamento comum dos membros da comunidade para os não ciganos.

Mesmo sendo o preconceito ainda o principal fator que, durante séculos, lhes relegou como espaço as bordas da sociedade majoritária, o predomínio do bom relacionamento entre os jovens ciganos e não ciganos nas salas de aula, as relações sociais saudáveis que surgem do comércio e do entretenimento, a participação ativa de membros da comunidade em movimentos por direitos de cidadania e a proximidade entre ciganos e instituições pró-ciganas são evidências que trazem perspectivas reais de melhorias futuras nas relações interétnicas no município de Sousa-PB.

O rancho é um ambiente familiar e cheio de movimento. Pela manhã, a maioria das crianças vão à escola. Os pais de família buscam o sustento da forma que lhes for viável. Uns partem para a região central de Sousa ou para cidades vizinhas em busca da realização de pequenos negócios ou do comércio de trocas. Outros, em situação social mais difícil, pedem esmolas no

centro da cidade ou em outros municípios. Alguns poucos conseguiram estabelecer vínculos empregatícios informais e instáveis, e quase ninguém no Rancho de Baixo possui trabalho formal. No Rancho de Cima, alguns possuem trabalhos formais. Em termos quantitativos 70% dos ciganos entrevistados trabalham, sendo que 23,33% declararam que não fazem nada, não desenvolvem nenhum tipo de trabalho que gere renda para sobrevivência e 6,67% estudam e ainda não trabalham. Com isso 86,67% afirmaram que tem uma renda entre um e dois salários mínimos, 6,67% tem uma renda entre três e quatro salários mínimos e 6,67% declararam que não tem renda.

Com o fim do nomadismo houve mudanças na forma da união entre os grupos. Relatos confirmam que nas principais festividades, São João e Natal, grupos se juntavam para dias de celebração, voltando, ao fim, todos para os seus roteiros de viagem. O conceito de união para o cigano é definido como atributo intrínseco ao próprio conceito de ser cigano.

Normalmente o não cigano agregado por laços matrimoniais, socialmente mais diferenciados do que os ciganos de sangue híbrido, aparenta ser tratado do mesmo jeito que os demais, bastando que uma falha surja para que o sangue não cigano seja mencionado como justificativa de uma postura não compactuada pelos ciganos de sangue. O *juron* ou *juren* casado com um(a) cigano(a) de sangue normalmente não chega a ser segregado dentro da comunidade. Muitos são tratados como iguais desde que correspondam completamente ao modo de vida Calon.

De acordo com relatos de Siqueira (2012) um ponto que merece destaque na cultura cigana de Sousa corresponde ao fato de que em 2012 entre um grupo foi realizado, um grande “casamento cigano”. Noticiado em todo o cenário nacional, o pai do noivo, o cigano Coronel, afirmou que este foi o primeiro casamento com tradições ciganas da Paraíba. Acontecido no dia 30 de novembro de 2012, todos apontam que havia a promessa de união desde os nascimentos dos noivos. Além disso, uma cerimônia na igreja católica e uma grande comemoração num salão de festa da cidade foram realizadas, o que acaba por demonstrar a afirmação da religião católica e a incorporação de elementos culturais da sociedade de Sousa. Com isso, pode-se afirmar que os traços culturais, ou seja, os marcadores que asseguram essas fronteiras podem mudar ao longo do tempo, isso envolve processos de exclusão e

incorporação de elementos culturais, sociais e conseqüentemente processos de interação vividos pelos atores étnicos. Além disso, para Barth (1988) a manutenção das fronteiras, o contato interétnico torna-se essencial, uma vez que as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre as etnias.

Entende-se que a abertura para casamentos externos, ou ainda, a incorporação de elementos que para os de “fora” não são condizentes com a cultura cigana, os faz buscar novas maneiras de garantir a continuidade da tradição. Sendo assim, a questão que parece perpassá-los é o desejo de mostrar para Sousa a realização de um casamento “tradicional”, revelando que ali existe um grupo que antes de tudo, detém cultura.

Em relação à educação, muitos jovens ciganos hoje estudam. O estímulo está na garantia de um futuro profissional. Pouquíssimos enveredam pela formação superior. No Rancho de Cima é sabido que dois ciganos já obtiveram diplomas, um em Letras, cidade de Cajazeiras, outro em Direito, em Sousa. Vale salientar que há na região boa oferta de cursos superiores oferecidos em universidades públicas em Sousa e cidades próximas como Cajazeiras, Patos e Pombal. A partir disso, surgem nos ranchos pessoas com novas posturas diante de tais questões, que já se compreendem cidadãos, com direitos e deveres sociais garantidos por lei, e que hoje começam a reivindicar a vigência desses direitos.

Os jovens nascidos no rancho desenvolveram-se em relação de sociabilidade com a sociedade hospedeira com muito mais intensidade que os seus pais, avós e bisavós. Essa convivência tem desmistificado os perigos apregoados pelos mais velhos, que, temendo ações de violência gratuita, cuidam de preparar seus descendentes para os perigos de um convívio aproximado. O convívio social entre ciganos e não ciganos tem favorecido o progresso da comunidade. O conhecimento diminui o estado de dependência do ser humano e amplia sua capacidade de exercer o direito de liberdade, e um bom trabalho garante respeito e qualidade de vida. Muitos jovens ciganos têm utilizado recursos digitais para fins de sociabilidade com não ciganos, principalmente através das redes sociais.

No rancho, somando à paixão pela música e pela dança como meio artístico de expressão cigana, um gosto comum compartilhado por

praticamente todos os homens está na poesia. Dos mais velhos aos mais novos, o fascínio pela poesia popular pode ser percebido na forma emotiva, nostálgica e respeitosa com a qual declamam versos ciganos ou de grandes poetas cordelistas. Os Calon declamam versos de familiares poetas que bem representam o potencial do cigano para mais essa manifestação artística. Os versos mais vibrantes desses poetas estão na ponta da língua de muitos ciganos homens. Também é fácil encontrar no rancho quem se aventure na produção poética. Alguns já são verdadeiros poetas e criam formas lúdicas de estimular suas produções, de modo que um cria o mote, envia para o outro que lhe responde com estrofes, em seguida lhe envia novas estrofes para recebê-las novamente e assim a poesia deixa a solidão do poeta e se torna mais um meio de sociabilidade cigana.

Nas comunidades ciganas, a qualidade da saúde cigana caiu bastante com o fim do nomadismo, causa primeira do advento de problemas antes inexistentes. No discurso cigano a razão para isso seria a perda do contato com a natureza, com o ar puro do campo, a falta de alimentos saudáveis, sem conservantes ou outros artifícios químicos, bem como a precária assistência do serviço público de saúde. É fato que a falta de esgotamento sanitário e de serviço de limpeza pública adequada nos ranchos gera doenças graves. O conhecimento do uso de plantas para fins medicinais ajuda bastante na prevenção e cura de algumas enfermidades. Ciganos mais velhos conhecem o potencial de utilidade da vegetação encontrada na zona do rancho.

Ainda hoje partos são realizados por parteiras ciganas, entretanto muitas famílias decidem ter seus filhos na maternidade, já que o teste do pezinho garante a emissão do registro de nascimento sem complicações. Contudo, algumas gestantes ciganas ainda preferem ter seus filhos no rancho. Em síntese, os ciganos passam a adquirir problemas de saúde outrora inexistentes a um cigano nômade. Continuam a utilizar-se dos conhecimentos de medicina natural de forma preventiva, mas passam a depender também da medicina formal. Um tema discutido com os ciganos entrevistados foi sobre o aborto, o que eles pensam sobre o aborto e 86,66% afirmaram ser contra a legalização do aborto no Brasil, 6,67% ainda responderam que são a favor da legalização do aborto e 6,67% não tem ainda não opinião definida sobre o tema.

Hoje há um posto de saúde disponível ao atendimento das comunidades ciganas e comunidades vizinhas localizado na comunidade da Várzea. Nele, um agente de saúde é cigano do Rancho de Cima, outra agente é *Jurin*, habita nas imediações do posto e, durante o período etnográfico, vivenciava uma relação afetiva com um cigano do Rancho de Baixo. Nesse período ambos os agentes eram responsáveis pelo atendimento às duas comunidades ciganas.

Uma dinâmica interessante, e que estimula a produção poética e outras ações está na competição sadia que dinamiza momentos de descontração entre grupos. Os ciganos costumam divertir-se discutindo sobre quem é mais inteligente, mais sábio, mais rico, qual a melhor poesia, quem é mais veloz na corrida, de quem é a melhor cabra, quem joga mais futebol, quem é mais bonito(a), quem é o político mais capaz, o mais bem votado, etc. Crianças se divertindo com as mais diversas brincadeiras, vários grupos de carteados, meninas adolescentes dançando ou coreografando em grupo no meio de alguma das ruas do rancho. Alguns desenvolvem dotes musicais nos karaokês, cantando músicas no estilo sertanejo romântico, gêneros em alta no gosto de jovens ciganos, outros jogam videogames. Muitos apenas conversam em rodas.

A paixão pela música sertaneja somada ao sentimentalismo cigano os motiva ao esforço econômico de adquirirem um aparelho para essa prática. A brincadeira estimula a afinação do talento musical do brincante que, com certa facilidade, apresenta desde cedo potencial para o campo da música (GOLDFARB, 2008).

A respeito da arte cigana uma brincadeira que acontecia de tempos em tempos e que envolvia muitas pessoas do Rancho de Baixo, tratava-se de uma encenação de um mito da vida real do cangaceiro Lampião. Não importando se no papel de Lampião ou do Macaco decapitado, vestir-se do figurino característico e, principalmente, revestir-se do espírito do cangaço, era garantia de satisfação plena para aqueles brincantes. Os chapéus e seus detalhes, a roupa característica, o calçado com as caneleiras, os óculos semelhantes aos de Lampião, os recipientes de portar bebidas, entre outros, tudo obra da paixão e da criatividade desse extraordinário artista, cujo objetivo está apenas em divertir-se juntamente com a grande família Calon (SIQUEIRA, 2012). A simpatia por Lampião aparenta ser mais um gosto comum, mais um herói da

vida real que caiu nas graças de cada indivíduo Calon. Além disso, afirmam que “os ciganos mais velhos conheceram Lampião”, e que, segundo eles, “Lampião nunca mexeu com os ciganos”. O valor do justiceiro ganha força por ser compreendido como “um cabra de caráter, que tinha palavra”.

Dessa afinidade, vem justificativa para a errância dos cangaceiros, que habitavam em acampamentos armados por períodos curtos para descanso daquele itinerário sem fim, que ia da Bahia ao Ceará, abrangendo todo o sertão nordestino. Da mesma forma os ciganos armavam seus acampamentos provisórios, em geral para o cumprimento dos objetivos de subsistência num determinado local, e muitas foram às expulsões física ou psicologicamente violentas.

A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR nasceu com o objetivo de promover políticas de desenvolvimento para minorias étnicas, com ênfase nos interesses da população negra. A criação da SEPPIR reafirma o compromisso com a construção de uma política de governo voltada aos interesses reais da população negra e de outros segmentos étnicos discriminados. Dentre as 19 entidades eleitas, 9 representavam diretamente interesses de grupos negros, ficando alguns outros segmentos étnicos com um representante cada, dentre eles os ciganos, representados pela Fundação Santa Sara Kali - FSSK, instituição de origem étnica Kalderash. Ao mesmo tempo em que devemos reconhecer estarem os grupos negros em níveis bastante elevados de organização social e política, devemos ter em conta que os grupos ciganos ainda dispõem de poucas organizações formadas e menos ainda realmente ativas.

O uso da cultura como mecanismo de visibilização da identidade cigana frente ao Estado gera a adoção de elementos culturais de valor de referência quase universal, como a Santa Sara Kali, outrora supostamente ausente do quadro de ícones religiosos desse povo. A adoção de Santa Sara contribui para o efeito de inserção da comunidade numa ciganidade global, já que a santa é amplamente divulgada como elemento da religiosidade de etnias ciganas distintas no mundo. Também a dança tende a trabalhar elementos do flamenco espanhol e alimentar a imagem de Santa Sara como elemento de culto.

O trabalho de produção cultural que cria perspectivas para os jovens do Rancho de Cima juntamente com o Ponto de Cultura Estação Cultural, sediado

em Sousa, através da pessoa de Valber Matos, envolveram-se num espetáculo de dança multicultural no qual um dos quadros dedica-se à dança cigana, protagonizada, até a sua última formação, por jovens do Rancho de Cima. Para além do grupo que se apresenta, são muitos os jovens com o mesmo potencial artístico em ambos os ranchos.

O Ponto de Cultura Estação Cultura tem por objetivo atuar junto às comunidades carentes do município de Sousa. Dentre as suas demandas, visa atuar sobre dois recortes étnicos: uma comunidade de matriz africana habitante no conjunto Frei Damião, e a Comunidade Cigana de Sousa. As apresentações artísticas em dança, bem como a sua evolução enquanto projeto cultural contribui para o avanço das relações de convívio interétnico, colocando em cena um elemento artístico universal admirado por não ciganos e de grande força no imaginário popular, contrastando com as imagens negativas historicamente alimentadas por posturas anticiganas.

Se ainda faltam programas de capacitação para adequar artistas ciganos ao universo das políticas culturais, o fato é que potencial artístico mina daquele povo e em todas as gerações. A música, a dança e a poesia cultivadas como atividades lúdicas no cotidiano das comunidades de ambos os ranchos, jovens envolvidos com teatro e demonstrando a cadência necessária a essa atividade, o interesse pela expressão videográfica, a criatividade na produção artesanal, tudo isso evidencia o espírito artístico como atributo cigano e confirma as características das imagens positivas do imaginário popular sobre essa cultura. Dessa forma, o Ponto de Cultura Estação Cultura torna-se agente dinamizador da cultura Calon que, por um lado, influenciam na ressemantização de determinados elementos culturais, por outro, contribuem para a abertura de perspectivas reais quanto ao papel da arte cigana na transformação da sua realidade social, senão de todos, ao menos da parcela envolvida com essas atividades.

Aproveitar os talentos natos, vibrantes no cotidiano de ciganos de todas as gerações e gêneros, e utilizar-se dos canais de fomento a cultura para potencializá-los e divulgá-los, contribuindo para a supressão do preconceito pela força da arte cigana.

Hoje, podem-se perceber melhorias nas condições de vida de algumas pessoas em ambos os ranchos, mas a maioria ainda vive uma realidade dura

de sub condição social, sendo fácil identificar casos de fome em família. Aqui sem dúvidas o chefe é solicitado a ajudá-los, buscando ajuda por entre os seus contatos externos, geralmente políticos da região. O convívio aglutinado e a afinidade de interesses criam bases sólidas de unificação entre os grupos ciganos no Rancho de Baixo. Internamente tudo continua como sempre. Cada chefe com seus líderes, à frente das demandas internas de suas comunidades. Os ciganos nascidos pós-nomadismo, tendo como realidade comum a aglutinação das comunidades, convivem para além das linhas imaginárias que as dividem e que gradativamente desaparecem. Devido à expansão populacional, podemos dizer que os limites físicos entre os três grupos são flexíveis, já que pode-se encontrar pessoas habitando em zonas cuja população prevalente pertence a outro grupo que não o seu. Ainda mais perceptível que os limites físicos são, pois, os limites simbólicos, representados pelas figuras dos chefes e líderes de cada grupo.

A diferença entre as formas antigas de relação e a atual, representada pela juventude cigana no Rancho de Baixo, é que hoje os Calon visam conquistas mais amplas, que não se restringem a pequenas satisfações em forma de doação. Os ciganos se aproximam do Estado, porém ainda é mais tangível, garantido e imediato o apoio de um político aliado no poder.

A fragilização do sistema de subsistência tradicional, tendo gerado o fim do nomadismo, encontra na cidadania nacional e na educação formal os meios imprescindíveis para a proteção dos ciganos e a elevação do seu status nas relações interétnicas com a sociedade majoritária. O chefe detém grande força simbólica. Exerce o mesmo papel tradicional para os desempregados e para os mais velhos, mas desempenha papel mais simbólico para os jovens. Culturalmente, todos os valores voltam-se mais para as formas do passado nômade. Os jovens que estudam, somados aos que trabalham diariamente, adequados aos modos de subsistência não ciganos, formam uma realidade emergente, com necessidades e perspectivas que transcendem os limites da estrutura tradicional.

Ferrari (2010) atenta para a performatividade cigana, logo, é importante notar que certamente estes quadros de demarcação de identidade, camuflamento, ou invisibilidade correspondem também aos contextos em que

vivem os grupos e conseqüentemente a questões que envolvem os estigmas, preconceito, discriminação, entre outros aspectos.

Os ciganos construíram ao longo do tempo formas específicas de classificar o mundo. Como todo grupo possuidor de uma cultura, edificaram o seu próprio sistema classificatório e é a partir disso que rotulam os nós e os outros. Para os ciganos de Sousa, antes de qualquer coisa, existe uma identidade que é coletiva e acionada a partir do que não se é.

Percebe-se que em Sousa os ciganos são apreendidos enquanto pertencentes a uma comunidade, a utilização desta categoria também é realizada pelo grupo frente às interações com os não ciganos. Logo, a identidade coletiva que aqui existe os faz manter uma organização interna de compartilhamento e manutenção dos seus valores culturais. Torna-se claro que mesmo vivendo em situações análogas a outros grupos e minorias sociais, os ciganos são grupos étnicos que estão organizados socialmente e demarcados por uma fronteira social.

4 Capítulo II – A comunidade cigana em Sousa-PB

A produção bibliográfica brasileira sobre a questão cigana é extremamente escassa, no que tange à produção historiográfica. A documentação conhecida e existente aponta para a chegada dos ciganos, no Brasil, em 1574, quando, ao ser degredado para este país, o cigano, João Torres, embarcou, provavelmente com a mulher e filhos para o Brasil. Porém, nenhum documento aponta o seu desembarque neste país, levando-nos a cogitar que esse desembarque pode não ter acontecido devido às condições da viagem e à saúde frágil de João Torres (Pieroni, 2006).

As histórias que envolvem a origem dos ciganos são quase sempre marcadas por suposições e por um caráter lendário. Por se tratar de um povo ágrafo, não existem muitos documentos que atestem de fato uma origem, e nos parece que para os ciganos permanecem várias formas de contar seu passado, sobretudo por que narrar inclusive de modo distinto é um mecanismo que os faz, no seu contexto específico, se dizer em relação a algo.

Pieroni (2006) em seu livro aponta que a prática do degredo, era comum em Portugal, como pena para aqueles que não se encaixavam no modelo social daquela nação, nesse sentido, ciganos, hereges, vadios, entre outros, foram trazidos ao Brasil a fim de que aqui pudessem ser melhores controlados e inseridos entre a população. Acredita-se também que a origem cigana seja proveniente da Índia, devido à proximidade da sua cultura e costumes e da grande semelhança linguística. Alguns ciganólogos defendem que estes saíram do Noroeste da Índia, atual Paquistão, e que a causa da dispersão pelo mundo estaria relacionada a não submissão ao sistema de castas.

Acredita-se que até o final do século XVII existissem no Brasil somente ciganos originários da Península Ibérica, os hoje chamados Calon, ou Kalé. Mas já na primeira metade do século XIX chegaram também ciganos Rom, ou Roma, da Europa do Leste, acompanhados ou não de suas famílias (TEIXEIRA, 2009, p.49). A falta de estudos aprofundados impossibilita a visualização de um panorama da quantidade de ciganos existentes no Brasil, as quais grupos pertencem e de que países se originam.

De acordo com dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011,

foram identificados 291 acampamentos ciganos, localizados em 21 estados brasileiros. Segundo esse levantamento, os municípios com vinte a cinquenta mil habitantes apresentam a mais alta concentração de acampamentos. Desse universo de 291 municípios que declararam ter acampamentos ciganos em seu território, 40 prefeituras afirmaram que desenvolviam políticas públicas para os povos ciganos, o que corresponde a 13,7% dos municípios que declararam ter acampamentos.

Em relação à população cigana total, estima-se que há mais de meio milhão no Brasil. Apesar desses dados da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR), não é possível dizer se são quinhentos mil ou um milhão. Nenhum dos índices do censo ajuda a recortar os ciganos, pois não há uma categoria no censo demográfico que permita contar como os ciganos se identificam. Na verdade, não existe legislação do ponto de vista de direitos especiais que leve em conta sua particularidade. Desse modo, as sociedades são construídas por diversos grupos sociais que se diferenciam entre si. Nesse caso, o grupo cigano, que também não é homogêneo entre si, está ganhando terreno nos estudos acadêmicos, assim como vem travando lutas por reconhecimento no âmbito político nacional.

Na Paraíba existem oito municípios com comunidades ciganas instaladas no regime sedentário ou de seminomadismo: Sousa, Marizópolis, Bonito de Santa Fé, Monte Horebe, Patos, Mamanguape, Bayeux e Alagoa Grande. O seminomadismo ocorre quando parte do grupo realiza viagens, que podem incluir as famílias completas ou, como ocorre na grande maioria dos casos, somente os homens, que viajam na busca de recursos para sobrevivência do grupo enquanto as mulheres ficam no rancho cuidando das crianças.

“Segundo Frans Moonen os Calons residentes em Sousa-PB são descendentes dos Ciganos Europeus, mais precisamente de Portugal, sendo que tal afirmação foi por várias vezes repetidas pelos Calons com quem conversei” recentemente. Possui um dialeto próprio o rômâni, uma linguagem agrafa, base e o principal pilar de resistência da cultura cigana, sendo proibido aos ciganos traduzi-la para os “*jurens*” povo não cigano. O conhecimento deste dialeto é repassado por gerações, de forma muito natural, sem a preocupação de formar uma escola específica. Quando indagados sobre a forma de

transferência do dialeto, a resposta obtida é quase sempre a mesma “todo cigano já nasce sabendo falar sua língua, não precisa ensinar”.

De domadores de cavalos a negociante de feiras, estava o cigano inserido na História do Brasil. Os ciganos fazem parte dos grupos ditos minoritários. No Brasil, esses grupos, desde o século XIX, são constantemente encarados como objeto da pesquisa social. São pessoas que sofrem com o preconceito por serem identificadas pelas suas crenças, gênero, etnia, aspeto físico, moral, entre outros aspetos. Esses grupos ditos minoritários apresentam características diferentes em relação à sociedade dita majoritária: a “branca”, econômica e politicamente dominante. Visto que esses grupos minoritários são numericamente maiores.

A reflexão sobre a identidade cigana precisa situar-se em relação às formas de diferenciação social existentes em Sousa-PB, visto que, como nos mostra Barth (1998), não é o isolamento geográfico ou social que representa o fator definidor da diversidade cultural. A identidade, que pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, representa um recurso indispensável para a criação de um nós coletivo, recurso fundamental ao sistema de representações coletivas, por meio do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sócio-política (NOVAES, 1993).

Cunha (2013) ao escrever sobre os ciganos de Sousa tenta dar conta do contexto que envolve o grupo, com relação à presença dos mesmos na Paraíba. Afirmando que para os ciganos o estado da Paraíba sempre esteve na rota de passagem, seja pela localização geográfica, seja pelas relações que foram instauradas ao longo dos anos, uma vez que segundo os próprios chefes ciganos, existiam muitos coronéis e políticos que mantinham relação com o grupo, oferecendo parada e proteção. Os dados da pesquisa mostram que 76,67% dos ciganos são naturais do estado da Paraíba, 13,33% são oriundo do estado do Ceará, 6,67% são naturais do Pernambuco e 3,33% são do Rio Grande do Norte. Suas cidades de origem são: Sousa 73,36%, Barbalha 6,66%, Aparecida, Lastro, Lavras da Mangabeira, Umari, Tenente Ananias, Pau dos Ferros com 3,33% cada, respectivamente.

Na cidade de Sousa-PB encontra-se a maior população cigana do estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil. São três grupos que estão localizados próximos à BR 230, a 3 km do centro, no âmbito periférico da

cidade. Os grupos residem próximos ao parque de exposições de animais e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba Campus Sousa. Tais grupos estão sedentarizados desde a década de 1980, e sua fixação baseou-se na articulação de alianças entre líderes e políticos locais, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de trocas. A sedentarização e a criação de uma “comunidade cigana” basearam-se na articulação de alianças entre os líderes e um poder paternalista, com atitudes assistenciais (GOLDFARB, 2010).

Em alguns dos contextos encontrados na Paraíba, faz-se perceber o importante cenário que existe em Sousa-PB. Uma vez que aqui existe uma das maiores comunidades ciganas do Brasil, sendo inclusive, local da construção do primeiro (e até agora o único) Centro de Cultura Cigana do país. Logo, mais do que um grupo cigano, temos em Sousa-PB o reconhecimento por parte do governo Federal e Estadual e, conseqüentemente, algumas ações externas ao grupo sendo implantado, o que gerou novos desdobramentos, que até o momento não foram percebidos em outra comunidade cigana no Estado da Paraíba.

Em Sousa-PB, desde o período nômade, as comunidades que formam os ranchos de Cima e de Baixo sempre se organizaram por si, sem qualquer relação de interdependência entre elas. Em linhas gerais, é comum a ligação de parentesco por consanguinidade ou afinidade entre pessoas dos dois ranchos, havendo, no máximo, migrações de ciganos entre ranchos quando da ocorrência de matrimônios ou da junção informal de casais.

As áreas onde se localizam os grupos foram parcialmente doadas por políticos, embora quase ninguém possua documentação correlata. No período nômade a necessidade da proteção de poderosos locais quando da passagem dos grupos pelos municípios moldou o relacionamento que o cigano estabelece com a política até os dias de hoje. Para enfrentar a discriminação os Calon não poderiam nunca contar com a justiça dos não ciganos, mas apenas com a ajuda do alto de ícones religiosos católicos por via de promessas e orações.

Até quase trinta anos atrás os Calon, hoje sedentários em Sousa-PB, costumavam andar por horas e, quando paravam, famintos e cansados, eram muitas vezes expulsos, fosse por donos de terras, fosse por uma autoridade policial, judicial ou política de um povoado, distrito ou cidade. Por isso era

comum o chefe ou líder cigano, antes do arranchamento do grupo, procurar essas autoridades em busca de garantias de uma passagem tranquila com parada provisória. A boa relação estabelecida com essas autoridades gerava portos seguros no mapa do nomadismo. O protetor era alguém a quem chefes e líderes ciganos sempre recorreriam como mediador entre a sociedade não cigana e as necessidades ciganas principalmente a necessidade de parar e circular pelos municípios em busca da sobrevivência, tanto quanto de alimentar o grupo.

É interessante perceber que os trabalhos produzidos sobre os ciganos de Sousa-PB, Sulpino (1999), Moonen (2011), Godfarb (2004), Siqueira (2012) e Cunha (2013) praticamente contam uma mesma história a respeito da formação da comunidade que vive no local. Sendo essa iniciada em 1982, com a articulação de alianças entre os chefes dos grupos e o então deputado federal Antônio Mariz. Deste modo, segundo os autores, inicialmente houve a sedentarização do grupo liderado pelo cigano Pedro Maia, e posteriormente, em 1986, outros dois grupos chegam à cidade, liderados pelos ciganos Vicente e Eládio (BATISTA et al., 2012).

Os grupos são formados por núcleos familiares, ligados entre si por relações de parentesco. Cada um possui um líder que, na prática, representa uma espécie de intermediador com o mundo externo.

No início os ciganos moravam em barracas e casas de taipa, pouco antes de falecimento, o ex-governador da Paraíba, Antônio Mariz, autorizou a construção de casas de alvenaria para toda a comunidade. A família cigana se ramifica com rapidez, e os novos casais foram construindo suas casas de taipa ao lado das de alvenaria, localizadas em maioria nas extremidades dos ranchos e aumentando o território da área habitada.

Segundo Siqueira (2012), na origem, poucas décadas antes da parada para morar em Sousa, as três comunidades ciganas que na época passaram a habitar o município compunham uma só comunidade. Especificamente quanto ao Rancho de Baixo, os chefes migraram para Sousa como ponto base: Vicente pelo apoio de Antônio Mariz, Eládio pelo apoio dos Gadelha, na época duas forças políticas que disputavam o poder na região e que contavam com os numerosos votos dos grupos ciganos.

Antônio Mariz é visto como um grande protetor dos ciganos, aquele que garantiu o direito do cigano parar e morar. É profundamente respeitado por todos uma vez que, já como governador da Paraíba, proporcionou moradia fixa às famílias através da construção de casas populares, mesmo aos que declaradamente não o apoiavam. Falar mal de Mariz significa ser instantaneamente reprovado e repellido por qualquer cigano. A admiração dos ciganos pode ser facilmente percebida, uma vez que há muitos ciganos de nome Mariz. Mariz foi de suma importância para a radicação dos ciganos no município, passo decisivo que impulsionou, até o presente momento, a estabilização territorial dos grupos. Também contribuiu para o acesso dos ciganos à educação e aproximou o Ministério Público da Paraíba da questão cigana ao solicitar ao Procurador da República da Paraíba, Luciano Mariz Maia, que apurasse denúncias de violações aos direitos humanos daqueles ciganos.

Apesar desses avanços não representarem ainda o tom dominante dessa relação, podem ser compreendidos como um progresso de convívio inter étnico resultante de mais de 30 anos de interação social entre as culturas, todavia ainda distante das perspectivas de convívio igualitário entre as partes.

No Rancho de Baixo observa-se bem a coexistência de duas realidades diferentes, na qual os mais velhos, que vivem aos moldes estruturais do período nômade, convivem com os mais jovens, que já se entendem como parte ativa da sociedade majoritária, na qual a manutenção da identidade cigana se dá com base em sinais diacríticos mais específicos, abrindo mão de uma gama de outros utilizados pelos mais velhos. Como exemplo, jovens ciganas buscam demonstrar sua ciganidade principalmente pela arte da dança, enquanto as mulheres mais velhas ainda leem mãos, usam saias longas e possuem dentes de metal, ouro ou prata, cena pouco comum entre jovens ciganas.

O Rancho de Cima apresenta uma “melhor” infraestrutura, casas de pau a pique, por exemplo, praticamente não são vistas, inversamente a maioria apresenta uma boa estrutura, muradas em tijolos e bem acabadas. O cigano Coronel nos informou que existem mais de 300 ciganos vivendo no local e todos sob a liderança de um ‘presidente’ identificado como o cigano Nestor.

Já no Rancho de Baixo é possível perceber famílias vivendo em condições materiais deficitárias, com esgoto passando entre as portas das

habitações e a maioria das casas se apresentando em mau estado de construção e conservação. Além disso, fica claro que no espaço vive um número maior de ciganos, avaliação impressionista, pois não se tem dados numéricos exatos (CUNHA, 2013).

Após a realização de algumas entrevistas, percebe-se que hoje estes são indicados na categoria de moradores de Sousa-PB, mantendo, inclusive, relações com a sociedade local, seja por meio de trabalho, da escola ou do comércio.

Vale destacar que os ciganos residentes em Sousa-PB sofrem um processo de estigmatização, visto que são definidos pela sociedade local através de categorias depreciativas que se estabelecem no contexto de interação e no desempenho de papéis sociais. A manipulação do estigma relaciona-se às expectativas normativas em relação à conduta ou ao caráter dos “outros”. Neste caso, os estigmas são fundamentais para a interpretação das representações coletivas dos não ciganos sobre os ciganos, bem como servem para o controle social de um grupo sobre outro (GOFFMAN, 1988, p. 61).

A maioria dos políticos de Sousa-PB hoje tenta estabelecer vínculos com os chefes e líderes ciganos no intuito de puxarem ao máximo pra si o apoio de suas comunidades, apoio esse com potencial para determinar a eleição de qualquer político local, haja vista tratar-se de uma cidade cuja população gira em torno de 70 mil habitantes. Sendo assim, a população dos ranchos, que a olho nu aparenta atingir a faixa de 700 habitantes, indubitavelmente tem todo potencial de definir uma eleição local em caso de disputas acirradas entre os candidatos, o que facilmente pode ocorrer. Os ciganos ocupam uma posição estratégica na luta pelos seus direitos no momento em que assumem papéis reais e oficiais no sistema.

Entre as ações que realizou em prol da comunidade cigana de Sousa, Salomão Gadelha nomeou alguns ciganos para sua equipe de governo, e na narrativa destes, o prefeito Salomão Gadelha ‘construiu’ o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), o que não condiz com a realidade, pois o centro é obra do Governo Federal, porém tal evento entra na lógica discursiva dos ciganos tornando-se então uma realização do político (SIQUEIRA, 2012).

Em teoria, conquistar o voto de um chefe de família cigano significa conseguir o apoio de toda a família extensa: o chefe e todos aqueles que, dentre seus parentes mais diretos, tiverem idade para votar. Em bem maior proporção, supõe-se que conquistar o voto do chefe de uma comunidade também significa obter o apoio de todos os que são por ele comandados.

Passados mais de 30 anos de sedentarismo, embora nesse ínterim avanços inegáveis tenham acontecido, grande parte da comunidade continua carecendo de recursos básicos de subsistência. Muitas são as famílias que subsistem com poucos recursos, ainda se detectam quadros de fome ou de privações alimentares contínuas, bastante desemprego e precariedade no saneamento básico, além das manifestações recorrentes, sutis ou grosseiras de discriminação. O assédio pelo voto cigano em troca de promessas de emprego(s), auxílios financeiros ou outras formas de “ajuda” é comum, momento em que os Calons não só passam a ser bem tratados como se fortalecem nesse campo de negociações.

Da minha experiência com a comunidade cigana em Sousa-PB, posso dizer que em muito, houve para minha pessoa aprimoramentos, desde a alegria contagiante, algo próprio daquele povo e que me renova ao visita-los, até a capacidade de sonhar com dias melhores e com uma sociedade mais fraterna e justa. São inúmeros atos, ações e gestos que são inerentes aos nossos irmãos Calons.

Calons - Os ciganos que têm como principal atividade laboral o comércio. Em todos os relatos que ouvi dos Calons de Sousa-PB, afirmam unanimemente que seu principal produto comercializado eram os animais, entre os quais se destaca: o gado bovino, gado equino (jegues, mulas e cavalos) que serviam com animais de uso laboral, utilizados para os transportes de cargas ou para transporte de pessoas, além de animais de pequeno porte (ovinos, caprinos, suínos), sendo esta comercialização realizada na forma de venda ou troca e que se dava ao longo de suas intermináveis viagens, visto que a vida dos nossos Calons era nômade.

E em busca de saber os motivos que levaram os ciganos, em várias regiões do mundo, a preferirem uma vida nômade à “sedentária”, diversos pesquisadores já se debruçaram sobre esta questão, numa tentativa de responder às curiosidades que atentam para este tema.

Essa atividade comercial diminuiu e quase se extingue com a opção da vida sedentária, aliada as inovações tecnológicas e os avanços dos meios de produção capitalista, quase não se usa mais a tração animal no trabalho e a comercialização de animais para o abate, passou ao longo das últimas décadas a ser acompanhada por órgão de defesa do consumidor e controle de qualidade, deixando a margem deste comércio aquele que não possuem cadastro como produtor, comprovante de vacinação dos suínos, bovinos e caprinos. Assim o comércio de animais, outrora, o “carro chefe” da subsistência cigana, tornar-se impraticável pelos Calons, restando-lhes a opção de comercializar mercadorias de pequeno valor tais como: relógios, bijuterias, rádios, bicicletas e demais artigos de uso domésticos, sendo que com o advento do telefone celular, este comércio sofre uma baixa, visto que o celular já substituiu os artigos rádio e relógio.

Desta forma, havia vários caminhos, pois, os ciganos comercializavam para o campo e com o lucro das vendas dos burros, do gado e outros objetos, sobretudo nos sítios e fazendas, usavam usufruíam as cidades, gastando o que ganhavam no campo. Faziam compras, se divertiam em bares, cabarés, lanchonetes, usufruíam de hospedagens em hotéis, entre outras opções que as cidades tinham a oferecer. E as cidades ofereciam muito mais possibilidades de um viver diferente, mesmo que aparentemente gostando mais dos campos, os ciganos também precisaram da sociedade urbana para sobreviver.

Na contra mão da cultura cigana, está à burocracia, artifício próprio do povo não cigano, mas que por força das necessidades de uma vida sedentária, passa a fazer-se presente na vida dos Calons de Sousa-PB. Para entender tal interferência, faz-se necessário, retornar aos tempos da cultura nômade, onde o chefe era o único interlocutor entre a etnia e a sociedade não cigana, seja qual fosse o pedido ou reivindicação, era apresentado pelo chefe aos dirigentes da cidade, autarquias ou empresa privada.

Este modo de pleitear benefícios e serviços foi substituído pelos requerimentos e ofícios que são emitidos pelos presidentes das Associações Comunitárias, tendo sido criada uma Associação Comunitária para cada rancho e por sua vez eleito um presidente para cada uma dela, ficando assim, o presidente responsável pelas relações oficiais entre as comunidades/ranchos com o poder público. Desta forma, criou-se um modelo análogo ao sistema de

monarquia parlamentarista, sendo o presidente da associação uma espécie de primeiro ministro e o chefe cigano como representante da realeza. Contudo, vale lembrar que as “novas” necessidades (regras) para representar juridicamente (possuir um CNPJ) o povo Calon, na atual sociedade, passa por uma interferência cultural, o que caracteriza uma imposição de regras aos Calons, regras estas que não coadunam com sua cultura. Já chamávamos a atenção para este fato, quando da criação do CCDI – Centro Calon de Desenvolvimento Integral, de 2006.

Entre quatro paredes, sem a participação direta dos ciganos, uma banca de advogados da cidade de João Pessoa-PB, membros desta edilidade municipal e com a minha participação na condição de Secretário da SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial ditamos um estatuto que desde então é o instrumento “legal” que rege o CCDI, naquele momento, já se apresentava o insucesso do CCDI, pois quem iria de fato administrá-lo (os ciganos) não se fazia presente na mais importante fase da sua construção. A elaboração do estatuto e ata de posse, se deu de forma estranha aos verdadeiros interessados, embora tenha havido uma conversa anterior nas dependências da Secretaria de Saúde, que serviu apenas para decidir sobre apoio político ao então prefeito Salomão Gadelha (*in memorian*).

Um dos colaboradores (Cesar Renato Sorayo) ex-nômade, residente no rancho de Pedro Maia, hoje chefiado por Francisco Soares Figueiredo (Coronel), nos relata que conheceu a vida nômade e que afirma ser esta mais feliz, com mais liberdade e melhor que a vida sedentária. No entanto reconhece a importância da educação que adquiriu na vida sedentária, tendo o mesmo estudado até a 8ª série (concluiu a segunda fase do ensino fundamental). Conheceu o primeiro Chefe dos Ciganos que hoje são residentes em Sousa-PB. Seu nome de batismo era Francisco Sarapião de Albuquerque, conhecido por Cigano Frade, sendo chefe de 1930 a 1956 ano em que faleceu (sepultado em Sousa-PB).

Assumindo a chefia seu braço direito o Cigano Pedro Maia, que assim como seu antecessor, acompanhava seus liderados por Sousa que era utilizada como "porto seguro" no trajeto entre os estados do RN, PB e CE. Até então o grupo era um só. Com a opção por uma vida sedentária, entre os anos de 1983/1984, houve a divisão do grupo, fato este que se dar por questões de

espaço geográfico (terreno), passando a existir dois Ranchos: O rancho de cima liderado pelo Chefe Pedro Maia e o Rancho de baixo liderado pelo chefe Vicente Vital de Negreiros.

Porém do segundo grupo, forma-se mais um, passando assim a existir o Rancho do cigano Raimundo Nonato da Costa, conhecido por Cigano Preto, sogro de Eládio, seu sucessor. Mesmo com a divisão ou autonomia de comandos (chefias) os ciganos mantêm uma relação irmã, não apenas por pertencerem a uma etnia, mas também pela relação familiar, visto que na cultura cigana, recomenda-se o casamento entre ciganos e até pouco tempo havia ainda os casamentos “arrumados”, onde os pais decidiam desde cedo, com quem seus filhos casariam e assim o casamento era como uma forma de união entre famílias.

Atualmente a comunidade cigana conhecida como rancho de cima ou rancho de Pedro Maia, tem uma associação de moradores que é presidida pelo Jovem cigano Nestor. Já a chefia do rancho de baixo encontra-se sob o comando do presidente do CCDI Francisco Soares de Figueiredo (Coronel), este genro de Pedro Maia.



Figura 3. Chefe Pedro Maia ao lado de Gervásio Bernardo, durante entrevista em março de 2015.

Nos Ranchos de baixo temos a associação de Moradores do Rancho de Eládio que é presidida pelo cigano Antônio Marcos (D. Ganjão), sendo o chefe do rancho o cigano Eládio.

O rancho de Vicente Vital de Negreiros, ainda não tem sua associação de moradores, tendo como chefe do rancho o cigano “Maninho”. Sua chefia, assim como a de Coronel se dar pela avançada idade de seus antecessores.

Todos os ciganos com quem falei sofreram algum tipo de preconceito, uma forma de violência que agride mais que a violência física. Vão desde a negativa de direitos como: acesso à saúde, educação, moradia, trabalho. Até os xingamentos mais grosseiros: cigano rouba, cigano fede. No entanto quem melhor responde aos infames ataques a honra e dignidade de seu povo foi o Chefe Eládio, que em um programa de rádio fez a seguinte afirmação: “Falamos que ciganos roubam, que matam que só fazem coisa erradas. Agora me mostre um cigano preso ou processado por estes crimes”?

A imagem do cigano pode representar liberdade, alegria e tradição, ou, por outro lado, “indolência”, “marginalidade”, “parasitismo” e “vagabundagem”. Ainda há aqueles que acreditam que hoje não existem mais ciganos, pois para eles cigano tem que ser nômade. Apenas é surpreendente notar que a organização cigana diverge da organização da sociedade dita majoritária. Para entendê-la, é necessário buscar, dentro de nós pesquisadores, elementos como a paciência, a vontade de aprender, a persistência e o entusiasmo.

Dessa maneira, a reflexão sobre os grupos ciganos precisa situar-se em relação às formas de interação social entre estes e a população não cigana. É preciso não esquecer que esses grupos se reorganizam face à sedentarização ou semisendetarização e às transformações ocorridas no seu modo de vida, analisando como grupos herdeiros de um tempo coletivo (Goldfarb, 2004).

No dia 24 de maio é comemorado no Brasil o Dia do Cigano, como um desafio às políticas públicas contemporâneas. O decreto de 25 de maio de 2006, assinado pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, institui o Dia Nacional do Cigano. Porém, essa data apenas representa um marco de reconhecimento nacional sobre a existência desses grupos étnicos, o que não quer dizer que ela representa garantias de políticas e o cumprimento dos direitos humanos perante esses grupos que sofreram desde a colonização

brasileira e ainda sofrem com preconceitos, estigmas e discriminações. Desse modo, são muitos os órgãos e associações que estão travando lutas pelo reconhecimento legal nas demandas associadas às ações políticas na promoção e no desenvolvimento sustentável dessas sociedades ditas tradicionais.

Colocar o tema cigano na arena pública parece pressupor a opção por determinado tipo de solução para os problemas enunciados. As controvérsias em torno dessa questão parecem traduzir os dramas políticos de sociedades em que a igualdade e o pluralismo são sua parte integrante e nas quais a designação e a descrição do problema para resolvê-lo implica um processo de etiquetagem e de atividade coletiva.

O estigma, nas situações de interação entre ciganos e população majoritária, como foi abordado por Goffman (1988), passa a ser visualizado como um atributo de desvalorização ao indivíduo. Assim, o olhar do “outro” nas relações sociais acompanha e classifica essa “diferença” estigmatizante. No entanto, há ainda a manipulação do estigma, muitas vezes adotada por essas pessoas que se sentem estigmatizadas, que se relaciona às expectativas normativas em relação à conduta ou ao caráter dos “outros”. Neste caso, os estigmas são fundamentais para as interpretações e representações coletivas dos não ciganos sobre os ciganos, e servem para o controle social de um grupo sobre outro.

Se por um lado há representações estigmatizantes, por outro ocorreram mudanças pelo próprio convívio cotidiano dos grupos já sedentarizados com a população majoritária. No entanto, se hoje as coisas mudaram foi porque “eles já convivem no meio dos não ciganos”. Ou seja, eles convivem, mas não deixam de ser ciganos. E, para ela, os ciganos são desconfiados, não confiam nos não ciganos.

Santos (1999) é enfático quando nos chama para o envolvimento e ação nas comunidades no apelo a cidadania “devemos lutar pela igualdade sempre que a diferença nos inferioriza, mas devemos pela diferença sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

5 Considerações Finais

Os Calons, nos três ranchos de Sousa apresentam uma alteração visível na cultural e costumes desde que deixaram a vida nômade. A percepção desta alteração cultural se dar em virtude da nossa pesquisa de campo, bem como da nossa aproximação e convivência com as comunidades ciganas em Sousa.

Dentre as alterações culturais podem ser citadas:

1. A flexibilização ou abertura no tocante aos casamentos, que não acontecem mais de forma “arranjada”, abertura esta, que se estende também aos casamentos entre Calons e *Jurem* (cidadão não cigano) algo não permitido outrora, agora é apenas não recomendado pelos ciganos mais velhos;

2. O quase fim da cultura de uso das ervas medicinais, hoje em quase sua totalidade, os ciganos buscam a assistência medica para todos os problemas de saúde, antes as pequenas enfermidades eram tratadas com ervas medicinais e ou através da crença, com auxilio de um rezador. Além disso, as ciganas não mais procuram as parteiras, para o nascimento dos filhos;

3. Mesmo em vida sedentária, os Calons moravam em tendas (ainda que tivessem recebido casas), hoje não existem em Sousa ciganos que morem em tendas;

4. Antes os Calons (comerciantes) eram apenas comerciantes de animais e pequenos objetos domésticos e quase todos sem instrução, quando muito se estudava, chegava-se ao fundamental I. Hoje, estudam em curso superior, trabalham em empresas públicas e privadas;

5. Na religião, houve uma das maiores mudanças, até uma década e meia atrás, os ciganos de Sousa eram 100% católicos, devotos de Frei Damião e do Padre Cicero, por exemplo. Hoje é comum encontramos ciganos nas igrejas: Presbiteriana, Batista, Assembleia e outras. O número de evangélicos entre os ciganos é crescente a cada dia, o que mostra uma abertura na religiosidade cigana;

6. O questionamento sobre o poder do chefe com a criação das Associações Comunitárias das comunidades ciganas e as afirmações pessoais de que “não há mais chefe, cada cigano chefia sua casa”, afirmação proferida

por vários ciganos no decorrer das entrevistas, mostra mais mudança na cultura cigana em Sousa.

Não há nada mais presente na vida e na cultura cigana que a música, a língua, a dança e a religião. O flamingo é como ritmo de dança oficial do povo cigano tanto que é conhecida como “dança cigana”, mesmo sobre forte influência da cultura externa, a dança e a música dos ciganos ainda resistem ao tempo.

Perante a constatação dessas diversidades socioculturais, torná-las politicamente significativas exige que se deixe de pensar a igualdade no interior de uma concepção lobal de injustiça que reenvia a uma situação estrutural de dominação e de exploração, para se passar para uma concepção de justiça social enquanto igualdade de oportunidades. Trata-se de assegurar uma participação igualitária no seio da competição social e de reter a noção de equidade que reconhece a pertinência política das especificidades culturais dos indivíduos, aceitando a ideia de um tratamento diferencial dos membros dessas coletividades, a partir do conhecimento da sua situação e dos contextos e processos que produzem as desigualdades.

A presença de ciganos na cidade de Sousa sempre despertou a curiosidade de todos: o comportamento, as vestimentas, a língua, sua cultura repleta de características típicas que se mostravam tão diferentes da nossa, tipicamente urbana.

Segundo Goldfarb (2004), o cigano na cidade de Sousa é visto como ladrão, preguiçoso, esperto, estrangeiro, nômade, etc. O que muitos consideram como “errado”, “feio”, “sujo”, “sem sentido” possui uma ascensão bem mais intrincada e profunda que um simples “olhar por cima” não permite enxergar.

A situação de pobreza das famílias ciganas causam preocupações, as condições de higiene e de saneamento básico, a dificuldade de acesso a serviços simples, a falta de adesão dos ciganos aos programas de saúde, isso sem falar no desprezo da sociedade e das autoridades em relação à comunidade cigana.

Através da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR, diversos movimentos vêm sendo desencadeados na perspectiva de atender as demandas dos ciganos, com a construção de

políticas públicas na tentativa de atender as necessidades dos grupos excluídos, para assim buscar a consolidação das Políticas de Promoção da Igualdade Racial no país. Vale salientar, no entanto, que o preconceito e a discriminação com o povo cigano continuam vivos dentro da sociedade brasileira. Isso foi comprovado através dos depoimentos dos próprios ciganos, que afirmaram já ter sofrido algum tipo de preconceito.

É interessante ressaltar que algumas famílias de ciganos em Sousa ainda cozinham na frente de suas casas, mesmo tendo para isso um espaço reservado dentro da casa; essa é uma das práticas restantes do nomadismo, e que se reproduz no cotidiano sem que eles nem mesmo saibam os motivos da realização de tais práticas.

Mesmo assim, o povo cigano carrega características próprias do nomadismo, regras e tradições que ainda são conservadas, mesmo com o processo de sedentarização tendo sido iniciado em Sousa na década de 80.

6 Referências

- BACHELARD, G. A Dialética da duração. São Paulo: Ática, 1994.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; FENART-STREIFF, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Difel, 1998.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT & STERIFF-FENART. Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. De Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.
- BATISTA, M. R. R.; CUNHA, J. R. da.; DONATO, I. B.; DANTAS, C. L.; MEDEIROS, J. C. de. O papel de um jornal paraibano na construção da imagem dos ciganos. Trabalho apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2012.
- BOSI, E. Memória e Sociedade. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. Le Capital Social. Notes provisoires. In: Actes de La Recherche em Sciences Sociales, Paris, n. 31, 1980.
- BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, M. de M. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- COSTA, C. P. da. Em entrevista a Rádio Senado. A Cultura e o Seu Povo. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/200917/1/1aorigemdosfilhosdosol.MP3>>. Acesso em: 05 de mar. 2016.
- CUNHA, J. R. “Ser cigano e estando em Sousa: Discutindo os modos de ser após trinta anos da parada”. Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG. 2013.
- ECKERT, C. Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França). In: Cadernos de Antropologia, nº. 11, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.
- FERRARI, F. O mundo Passa: Uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros. São Paulo, 2010. Tese (Doutoramento em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIUMBELLI, E. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. Rev. Brasileira de Ciências Sociais, v.17, n. 48, fev. 2002.

GOFFMAN, E. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, 4.^a ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOLDFARB, P. O “tempo de atrás”: um estudo da identidade cigana em Sousa: PB. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFPB CCHLA PPGS.

GOLDFARB, M. P. L. Definindo os ciganos: as representações coletivas sobre a população cigana na cidade de Sousa – PB. Revista de Ciências Humanas e Artes ISSN 0103-9253 v. 14, n. 1/2, jan./dez., 2008.

GOLDFARB, M. P. L. Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, p. 165-172, 2010.

HALBACHS, M. A Memória coletiva. São Paulo: Vértice, Ed. Dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População de Sousa. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/233RI>>. Acesso em: 15 de nov. 2015.

MOONEN, F. Anticiganismo: Ciganos na Europa e no Brasil. Recife: Dhnet, 2011. 3^a edição digital revista e atualizada. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmciganossousa2011.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2015.

NOVAES, S. C. Jogos de espelhos: imagens e representação de si através dos outros. São Paulo: USP, 1993.

PIERONI, G. Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas: os degredados no Brasil-Colônia. 3 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2006.

SANTOS, B. de S. “O todo é igual a cada uma das partes”, Revista Crítica de Ciências Sociais, 52/53, pp. 5-14, 1999.

SIQUEIRA, R. de A. Os calon do município de Sousa-PB: Dinâmicas ciganas e transformações culturais. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural (UFPE), 2012.

SULPINO, M. P. L. Ser viajor, ser morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRS), 1999.

TEIXEIRA, R. C. Ciganos no Brasil: uma breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

WEBER, M. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

APÊNDICES

Questionário aplicado